

O desempenho sexual na prática de terapeutas ocupacionais do Brasil

Sexual performance in the practice of occupational therapists in Brazil

Ricardo Lopes Correia¹, Pablo de Oliveira Teixeira²

<https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v33i1-3pe208904>

Correa RL, Teixeira PO. O desempenho sexual na prática de terapeutas ocupacionais do Brasil. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2023 jan.-dez.; 33(1-3):e208904.

RESUMO: Introdução: Indivíduos e coletivos desempenham diversas atividades sexuais para se envolver em ocupações e participar da vida cotidiana. No entanto, há escassas evidências no Brasil sobre a abordagem do desempenho sexual por terapeutas ocupacionais. **Objetivo:** Identificar como terapeutas ocupacionais do Brasil abordam o desempenho sexual em sua prática profissional. **Método:** Foi conduzida uma pesquisa exploratória e descritiva junto a 84 terapeutas ocupacionais do Brasil, por meio de questionário online. Utilizou-se de estatística simples para a descrição dos dados e os procedimentos de enunciação e correlação da abordagem de Análise de Conteúdo para a inferência dos conteúdos. **Resultados:** A amostra foi composta majoritariamente por terapeutas ocupacionais mulheres, das quais 91,66% nunca receberam treinamento específico. Ainda assim, 53,57% abordam o desempenho sexual em sua prática profissional, sendo a maior prevalência no campo e serviços de saúde mental com a população adulta. **Conclusão:** É necessário triangular fatores relacionados a formação, valores pessoais e teóricos e processo de intervenção para o desempenho sexual. Ainda há pouca formação a respeito do tema, o que condiz com as dificuldades em identificar abordagens específicas em terapia ocupacional, o que, possivelmente, colabora com a negligência deste tema na literatura da área.

DESCRIPTORIOS: Comportamento Sexual; Atividades Cotidianas; Sexualidade; Terapia Ocupacional.

Correa RL, Teixeira PO. Sexual performance in the practice of occupational therapists in Brazil. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2023 jan.-dez.; 33(1-3):e208904.

ABSTRACT: Introduction: Individuals and collectives perform various sexual activities to engage in occupations and participate in everyday life. However, in the Brazilian scenario of occupational therapy, there is little evidence about its approach in professional practice. Aim: To identify how occupational therapists in Brazil address sexual performance in their professional practice. **Method:** An exploratory and descriptive research was conducted with 84 occupational therapists in Brazil, using an online questionnaire. Simple statistics were used for the description of the data and the enunciation and correlation procedures of the Content Analysis approach for the inference of the contents. **Results:** The sample consisted mostly of female occupational therapists, of which 91.66% had never received specific training. Even so, 53.57% address sexual performance in their professional practice, with the highest prevalence in the field and mental health services with the adult population. **Conclusion:** There is a need to triangulate factors related to training, personal and theoretical values and the intervention process for sexual performance. There is still little training on the subject, which is consistent with the difficulties in identifying specific approaches in occupational therapy, which, possibly, contributes to the neglect of this subject in the literature of the area.

DESCRIPTORS: Sexual Behavior; Activities of Daily Living; Sexuality; Occupational Therapy.

* Trata-se de uma pesquisa parcialmente apresentada como trabalho de conclusão de curso da Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A obra é original e não está sob avaliação de outra revista ou qualquer outro meio.

Fonte de Financiamento: Não houve fonte de financiamento.

1. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Departamento de Terapia Ocupacional e Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Email: ricardo@medicina.ufrj.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3108-2224>
2. Hospital Placi Niterói, Niterói, RJ, Brasil. Email: p.teixeira@placi.com.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-3366-6477>

Endereço para correspondência: Ricardo Lopes Correia. Endereço: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Departamento de Terapia Ocupacional - Faculdade de Medicina - Centro de Ciências da Saúde - CCS - Bloco K, Sala 17. Rua Prof. Rodolpho Paulo Rocco, s/n - Cidade Universitária - Ilha do Fundão CEP: 21910-590 - Rio de Janeiro - RJ, Brasil. Tele: 55 (21) 3938-6506 / 55 (21) 99177-7202

INTRODUÇÃO

O desempenho sexual é uma experiência da vida sociocultural, em diferentes ciclos de vida, e compreende a realização, escolhida ou imposta, de atividades que implicam habilidades motoras, sensoriais, cognitivas, afetivo-emocionais e sociais que podem ser realizadas individualmente, em parceria e/ou em grupo, em ambientes face a face e/ou virtuais.

Sem a intenção de estabelecer consensos, emprega-se o termo desempenho, de forma genérica, como uma capacidade de realizar algo que se deseja ou que se espera, por demandas sociais ou por necessidades próprias do indivíduo, e que está enraizado no seio da cultura, das estruturas e das relações sociais.

O desempenho sexual participa do processo de individuação e sociabilidade e, portanto, é uma manifestação da sexualidade, (re)produz identidades e performances ocupacionais¹⁻³. Assim, o desempenho sexual é a capacidade de realizar atividades que propiciam prazer e algum tipo de significado a ele relacionado como autocuidado, lazer, trabalho, participação comunitária, reprodução, violências, entre outros⁴.

Segundo Monzeli e Lopes⁵, ao se referenciarem na obra de Michel Foucault, há uma indissociabilidade entre sexo e sexualidade, e que estes não são temas socialmente reprimidos. Ao contrário, sexo e sexualidade são operados por sistemas de discursos que se manifestam de diferentes formas, a fim de controlar os corpos e impondo inteligibilidades “sexo-gênero-sexualidade”, como postulado por Judith Butler.

Atualmente, a discussão sobre o sexo/sexualidade é abrangente e inclui à compreensão de incompletude biológica dos seres humanos e insere os determinantes sócio-históricos e culturais na (re)produção da sexualidade enquanto componentes da identidade humana e dos processos de envolvimento ocupacional⁶.

Desta forma, o desempenho sexual também pode ser uma experiência de sofrimento e restringir a participação na vida social, como em situações de adoecimento, deficiência, problemas sociais, políticos e econômicos, bem como a exposição a pornografia, drogas, importunação e violência sexual. Todas estas, precisam ser acolhidas e cuidadas, pois colocam, sobremaneira, modos específicos de se envolver em ocupações relacionadas a inserção na vida humana, ao desenvolvimento e construção do próprio corpo e das dinâmicas sociais⁴.

A não abordagem do desempenho sexual, segundo Rose e Hughes⁷ “tem sérias consequências para os clientes

e para a prática da terapia ocupacional como um todo” (p.1), visto que pode afetar a construção da identidade, das ocupações, dos papéis sociais, da autoimagem, dos relacionamentos, do bem-estar psíquico, bem como ser ato de negligência do cuidado em saúde e da garantia de direitos sociais. Também, a sua não abordagem pode estar relacionada com os discursos sociais instituídos no *status quo*, tornando, assim, as práticas terapêutico-ocupacionais reprodutoras de violências e estereótipos sexuais e de gênero⁵⁻⁸, bem como de negligências às demandas da população atendida.

Poucos são os estudos, no Brasil e no contexto internacional, que evidenciam as abordagens do desempenho sexual por terapeutas ocupacionais. Segundo Monzeli e Lopes⁵, em seu estudo de revisão em periódicos específicos de terapia ocupacional, 30 trabalhos foram identificados, entre os anos de 1985 e 2011, sendo o *British Journal of Occupational Therapy* com o maior número de publicações, 60%, e apenas 3,3% nos Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional.

A revisão da literatura desta presente pesquisa não demonstra grande avanço após o estudo anterior. Apenas 8 novos estudos foram identificados^{1-3,6,7,11,12,15}, sendo o mais recente de 2019. Não houve estudos em revistas brasileiras, porém observa-se 3 artigos na Revista Chilena de Terapia Ocupacional, na qual um artigo é de filiação em instituição brasileira.

De modo geral, estes achados apresentam como justificativa às dificuldades da abordagem do sexo por terapeutas ocupacionais: o desconforto e constrangimento^{6,11}, interpretação do paciente errônea sobre o toque^{7,12}, crenças, religiões e costumes⁶, ausência de documentos que registrem a descrição da atuação^{11,12}; falta de especialização, educação formal e treinamento^{1,2,6,15}; população idosa e/ou diferença de idade entre paciente^{3,6,12}, questões culturais^{1,15}; danos na reputação¹; limites no contexto da intervenção como ambientes hospitalares e comunitários^{1,15}; falta de diretrizes técnicas para apoiar a abordagem²; pacientes envergonhados¹⁵, barreiras institucionais^{7,12}; pessoas com deficiência intelectual¹⁵; e projeção de valores pessoais^{1,2}.

Contudo, Evans apud McAlonan¹⁰, afirma que “terapeutas ocupacionais são qualificados em análise e adaptação de atividades e ambiente para melhorar o desempenho” (p.833) de pessoas e coletivos em suas atividades cotidianas necessárias e/ou que produzem satisfação. Neste sentido, terapeutas ocupacionais são profissionais que, ao focalizar o envolvimento ocupacional enquanto objeto de seu conhecimento e intervenção, proporcionam às pessoas e coletivos possibilidades de participar, desempenhar e significar as ocupações da vida cotidiana⁸, ampliando

suas capacidades, autonomias e interdependências para a participação na vida social.

Marchant Castilho¹⁶, em seu estudo sobre educação sexual com crianças e jovens LGBT, alerta sobre a necessidade de que terapeutas ocupacionais tenham atenção sobre os processos de impedimentos da manifestação da sexualidade e do desempenho sexual, gerando incongruências entre identidade e competência ocupacional para uma efetiva participação destes sujeitos em diferentes contextos da vida como autocuidado, educação, família, trabalho e comunidade. Para o autor, crianças e jovens podem ser hostilizadas e terem suas manifestações sexuais restringidas dado a estrutura binária e normativa dos gêneros e das formas de expressão das sexualidades. Este processo, violento, acarreta perturbações e dissociações possíveis da identidade de gênero e da orientação sexual, bem como uma construção de valores negativos sobre o próprio desempenho sexual desejado. Jackson⁹ corrobora que “para algumas pessoas lésbicas, gays ou bissexuais, a orientação sexual pode se tornar um dos muitos temas em suas vidas que afetam as ocupações [...] e que influencia suas ações” (p.674). Neste sentido, o desempenho sexual é um tema relevante, enquanto uma dimensão do envolvimento ocupacional, ao mesmo tempo que possui relações diretas com outras ocupações e formas de envolvimento na vida social.

Rose e Hughes⁷ dizem que uma das principais prioridades das pessoas com deficiência são as preocupações sexuais relacionadas ao desempenho sexual, e que muitas delas possuem dificuldades e constrangimentos para abordar tais questões com seus terapeutas ocupacionais, uma vez que não se sentem confiantes na relação para expor suas demandas, pois se sentem julgadas como ‘assexuadas’ ou desprovidas de conhecimento técnico para tal.

Assim, considerando o espectro de lacunas na literatura sobre o tema, os sistemas de crenças e tabus impostos às questões do desempenho sexual e a necessidade de ampliar o debate sobre bases teóricas, metodológicas e práticas em terapia ocupacional, o objetivo deste artigo é identificar como terapeutas ocupacionais do Brasil abordam o desempenho sexual em sua prática profissional.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa exploratória, de natureza quali-quantitativa. Os dados foram produzidos através de um questionário *online* estruturado com perguntas abertas e fechadas (*Google Forms*®), aplicado, através de uma amostra transversal, por conveniência e não probabilística,

à terapeutas ocupacionais do Brasil entre os meses de maio e julho de 2019. As perguntas do questionário foram divididas em três eixos: 1) sociodemográficos, 2) formação acadêmica e 3) compreensão e abordagens do desempenho sexual em terapia ocupacional. O questionário foi divulgado através de um *link* pela rede social (*Facebook*®) de grupos profissionais e *e-mails* de instituições de representação da terapia ocupacional no Brasil. Os critérios de inclusão na pesquisa consistiram em ser maior de 18 anos e atuar na assistência direta a usuário/pacientes. Oitenta e quatro terapeutas ocupacionais responderam ao questionário, sendo todo o universo incluído na pesquisa (N=84).

Os dados coletados foram organizados e sistematizados em planilha *Microsoft Excel*® e posteriormente descritos por estatística simples, identificando, sobretudo, o perfil das participantes, gênero, orientação sexual, área de atuação e se abordavam o desempenho sexual em suas práticas. Para a inferência dos dados foi utilizada a abordagem de análise de conteúdo, especificamente os procedimentos técnicos de enunciação e correlação¹⁷, que consistiu em identificar e decodificar as respostas das participantes, a fim de compreender os sentidos atribuídos ao desempenho sexual.

O procedimento de enunciação foi utilizado para extrair informações textuais das respostas das participantes da pesquisa, que compreenderam palavras e/ou frases objetivas (enunciados) relacionadas ao tema investigado. Já o procedimento de correlação, buscou associar e agrupar os enunciados em grandes temas, denominados de unidades de conteúdo, que, por sua vez, foram explicados, buscando seus significados e validade através do uso de trechos das respostas das participantes com suporte da literatura revisada¹⁷.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro (HUCFF-UFRJ), sob número 3.296.741 em 01 de maio de 2019. O questionário somente foi aplicado após a assinatura do termo de consentimento livre esclarecido (TCLE).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a tabela 1, das 84 terapeutas ocupacionais, 90,47% se identificam com o gênero feminino. A maioria (65,47%) é da região Sudeste, entre 22 e 32 anos de idade (35,71%), heterossexuais (73,80%), de cor branca (53,57%), graduadas há pelo menos 5 anos (38,09%) e com no mínimo o título de especialização (48,80%).

Tabela 1 – Dados sociodemográficos e perfil das terapeutas ocupacionais.

Variáveis	Feminino	Masculino	Total
	N (%)	N (%)	N (%)
Universo	76 (90,47)	8 (9,53)	84 (100)
Região			
Norte	4 (4,76)	1 (1,19)	5 (5,95)
Nordeste	13 (15,47)	-- --	13 (15,47)
Centro-oeste	4 (4,76)	2 (2,38)	6 (7,14)
Sudeste	50 (59,52)	5 (5,95)	55 (65,47)
Sul	5 (5,95)	-- --	5 (5,95)
Faixa etária			
22 – 32	30 (35,71)	6 (7,14)	36 (42,85)
33 – 42	26 (30,95)	1 (1,19)	27 (32,14)
43 – 52	13 (15,47)	--- ---	13 (15,47)
53 – 63	7 (8,33)	1 (1,19)	8 (9,52)
Orientação sexual			
Heterossexual	62 (73,80)	5 (5,95)	67 (79,75)
Homossexual	3 (3,57)	3 (3,57)	6 (7,14)
Bissexual	6 (7,14)	-- --	6 (7,14)
Feminino	4 (4,76)	-- --	4 (4,76)
Básico*	1 (1,19)	-- --	1 (1,19)
Cor/etnia			
Preta	6 (7,14)	2 (2,38)	8 (9,52)
Branca	45 (53,57)	2 (2,38)	47 (55,95)
Parda	21 (25)	4 (4,76)	25 (29,76)
Amarela	2 (2,38)	-- --	2 (2,38)
Latina	1** (1,19)	-- --	1 (1,19)
Caucasiana	1 (1,19)	-- --	1 (1,19)
Ano de formação			
1981 – 1991	9 (10,71)	-- --	9 (10,71)
1992 – 2002	15 (17,85)	-- --	15 (17,85)
2003 – 2013	28 (33,33)	4 (4,76)	32 (38,09)
2014 – 2019	32 (38,09)	4 (4,76)	36 (42,85)
Nível de formação			
Graduação	11 (13,09)	-- --	11 (13,09)
Especialização	41 (48,80)	3 (3,57)	44 (52,37)
Aprimoramento	4 (4,76)	-- --	4 (4,76)
Mestrado Acadêmico	11 (13,09)	4 (4,76)	15 (17,85)
Mestrado Profissional	-- --	1 (1,19)	1 (1,19)
Doutorado Acadêmico	6 (7,14)	-- --	6 (7,14)
Doutorado Profissional	1 (1,19)	-- --	1 (1,19)
Pós-Doutorado	2 (2,38)	-- --	2 (2,38)

*Resposta não compreendida.

Segundo o estudo de Monzeli e Lopes⁵, na qual realizaram uma revisão sobre sexualidade em periódicos, nacionais e internacionais, específicos de terapia ocupacional, identificaram uma escassa literatura que se inicia em 1985, e se torna crescente a partir da segunda década dos anos 2000. Mesmo que o estudo não aborde o sexo como uma categoria

específica, afirma-se que esta é indissociável à “sexualidade” (sexo/sexualidade), e identificam que a maioria dos artigos encontrados (33,4%) versaram sobre o sexo/sexualidade da pessoa com deficiência, o que é congruente à tradição dos processos de cuidado em terapia ocupacional, mas que denotam a limitação do potencial analítico do sexo/

sexualidade junto a outros grupos sociais em seus contextos históricos, culturais e sociais.

Destarte, conforme a Tabela 2, destaca-se que 45 (53,57%) das terapeutas ocupacionais desta pesquisa, afirmam abordar o desempenho sexual, ou o tema sexo, com seus clientes na prática profissional, para além dos grupos tradicionais da assistência em terapia ocupacional, como as pessoas com deficiência. Os principais cenários de atuação das terapeutas ocupacionais que especificamente abordam o desempenho sexual de seus clientes foram: serviço de saúde mental (31,11%)

e hospitalar (20%), sendo o campo da saúde mental (40%), o principal foco da atuação, seguido da reabilitação (33,33%), sendo a população adulta (46,67%) como o público-alvo mais prevalente.

Sobre o tempo de trabalho na instituição a maioria das profissionais (28,89%) está entre 1 e 3 anos.

A Tabela 3 apresenta as três unidades de conteúdo identificadas no procedimento de correlação: *Formação sobre desempenho sexual; Compreensões sobre o sexo; e Processo de intervenção do desempenho sexual na prática profissional.*

Tabela 2 –Terapeutas ocupacionais que abordam o desempenho sexual de seus clientes de acordo cenários, áreas de atuação e público atendido.

	N (%)
	45 (100)
Cenário de prática*	
Saúde mental, CAPS Infanto-Juvenil, Residência em Saúde mental	14 (31,11)
Hospital Geral, hospitalar	9 (20)
Reabilitação Física, Traumato-Ortopedia	7 (15,55)
Docência	5 (11,11)
NASF, Saúde da Família	5 (11,11)
Outros (serviço público municipal, Saúde do Trabalhador, Pausa na carreira profissional, Desenvolvimento Infanto-juvenil)	5 (11,11)
Consultório, clínica	3 (6,67)
Atendimento domiciliar, <i>homecare</i>	3 (6,67)
Área de atuação	
Saúde Mental, Saúde Mental Infanto-Juvenil	18 (40)
Reabilitação, Reabilitação em Cuidados Paliativos, Reabilitação Física geral, Reumatologia, Terapia da Mão, Reabilitação Neurofuncional	15 (33,33)
Neuropsicologia, Neurologia, Neuropediatra e adulto, Neurociências	6 (13,33)
Saúde da Mulher, Saúde da Família, Saúde Pública, Atenção Básica, generalista	6 (13,33)
Contexto Hospitalar, UTI, ambulatório	5 (11,11)
Gerontologia	3 (6,67)
Saúde da Criança, Neonatal/Pediatria	2 (4,44)
Social	1 (2,22)
Público atendido**	
Adulto	21 (46,67)
Idoso	12 (26,67)
Bebês, crianças	11 (24,44)
Jovens, adolescentes	11 (24,44)
Outros (Geral, todos, pacientes oncológicos, neurológico, SUS, pacientes internados e ambulatoriais, deficiência intelectual e múltipla, pessoas com deficiências físicas, intelectuais, auditivas ou visuais)	8 (28,89)
Ortopedia, Reumatologia	3 (6,67)
Pessoas em uso abusivo de álcool e outras drogas	3 (6,67)
Usuários com transtornos mentais, pessoas em internação psiquiátrica	2 (4,44)
Autista, Síndrome Down	1 (2,22)

*O N somado será maior que 45, pois uma mesma pessoa apresentou mais de um cenário de prática.

**O N somado será maior que 45, pois uma pessoa atende mais de um perfil de público.

Tabela 3 – Unidades de conteúdo acerca da abordagem do desempenho sexual por terapeutas ocupacionais.

Unidades/temas	Conteúdos	F*
Formação sobre desempenho sexual	Gostaria de saber e tem interesse sobre o tema	80
	Não gostaria de ter conhecimento sobre o tema	6
	Possui formação sobre sexualidade e/ou sexo e/ou prática sexual	8
	Não possui formação sobre sexualidade e/ou sexo e/ou prática sexual	77
	Participou de alguma atividade acadêmica sobre prática sexual/sexualidade	30
	Não participou de alguma atividade acadêmica sobre prática sexual / sexualidade	56
	Acha que tem conhecimento sobre sexualidade e atividades sexuais	31
	Não acha que tem conhecimento sobre sexualidade e atividades sexuais	3
	Talvez tenha conhecimento sobre sexualidade e atividades sexuais	52
Compreensões sobre o sexo	Sexo como Atividade	40
	Sexo como Ato	41
	Sexo como Função	37
	Sexo como Identidade	23
Processo de intervenção do desempenho sexual na prática profissional	Descrição da Ação	126
	Interferência dos Valores	77
	Intersecções (gênero, raça, classe e outros)	114

*Compreende a frequência com que as participantes enunciaram o conteúdo relacionado ao tema.

Formação sobre o desempenho sexual

A abordagem do desempenho sexual na formação graduada e continuada de terapeutas ocupacionais é um fator relevante para compreender a inserção do tema nos procedimentos e nas finalidades da profissão. Por isso, considerou-se nesta unidade as respostas das participantes que não abordavam o desempenho sexual em suas práticas. Assim, das 84 terapeutas ocupacionais, 19 informam terem vivenciado alguma atividade sobre o tema sexo/sexualidade, sendo 12 em atividades de ensino, 5 de extensão e 2 em pesquisa durante a graduação. Após a graduação, apenas 8 participantes (9,52%) tiveram algum tipo de formação específica sobre a temática, sendo que 6 (7,14%) fizeram cursos de curta duração e 2 (2,38%) fizeram cursos de atualização, enquanto 77 participantes (91,66%) não tiveram qualquer tipo de formação/treinamento. De todo modo, observa-se que os enunciados das participantes demonstram força na convicção de que possuem algum conhecimento sobre o desempenho sexual e, por isso, se sentem capazes ou confiantes em implementar processos de cuidado junto a seus clientes, conforme descrito na fala de uma das participantes:

(...) *Visto que questões sexuais tem importância significativa no histórico do desenvolvimento dos sofrimentos que tenho contato, além de ser uma questão pouco pautada socialmente e nos serviços. Também possui um caráter educativo e de empoderamento. É fundamental construir espaços para pensar sobre o desenvolvimento das relações afetivas e das práticas sexuais, não restringindo a atividades educativas sobre prevenção e detecção de ISTs, ainda que estas tenham sua relevância também* (Participante 28 - bissexual, saúde mental).

Hyland e Mc Grath¹² argumentam que a falta de educação e treinamentos adequados é um dos aspectos que comprometem a abordagem de terapeutas ocupacionais nas questões relacionadas ao desempenho sexual. Ampliar o interesse na pesquisa e na difusão do conhecimento sobre as tecnologias de intervenção sobre o sexo, segundo os autores, pode colaborar com a inserção do conteúdo na formação graduada, qualificando a formação de terapeutas ocupacionais. Isso foi observado no pequeno quantitativo de participantes desta pesquisa que vivenciaram atividades acadêmicas relativas ao tema, sobretudo em atividades de ensino na graduação e que apresentam confiança e interesse no tema.

Correia et al.¹⁸ ao argumentarem que no cenário brasileiro o desempenho sexual e temas relativos ao sexo, incluídos no que os autores denominam como “questões de gênero e sexualidade”, ainda são conteúdos escassos na formação graduada em terapia ocupacional. Isso por sua vez, corrobora, para distanciar terapeutas ocupacionais das demandas mais complexas e emergentes da população atendida e mesmo daquela que muitas vezes não é o foco da assistência. Segundo os autores, um importante mecanismo para garantir a inserção do tema nos Projetos Político Pedagógicos (PPP) dos cursos de graduação são as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN). O texto das DCN, que foi alterado recentemente e aguarda aprovação no Ministério da Educação, insere três tópicos sobre a necessidade da diversidade sexual e de gênero da população atendida, a compreensão e intervenção em demandas específicas sobre sexo, gênero e sexualidade e conhecimentos teórico-práticos nos campos das ciências da saúde, humanas, sociais e da própria terapia ocupacional.

Ainda, é interessante notar, que das 84 participantes, 12 se autodeclararam homossexuais ou bissexuais. Destas, 8 compõem o grupo de terapeutas ocupacionais que abordam o desempenho sexual em suas práticas. Este dado, mesmo não sendo quantitativamente significativo, chama à atenção sobre os fatores de interesse desta temática por terapeutas ocupacionais não heterossexuais. Isso pode estar relacionado às próprias experiências do sexo e da sexualidade de um grupo que constitui identidades e culturas dissidentes das normas sexuais e de gênero impostas socialmente e a busca por formação e capacitação neste tema.

De acordo com Correia et al.³ é importante que terapeutas ocupacionais heterocisgêneras passem a se questionar sobre a sua própria construção heterocisnormativa enquanto uma estrutura cultural enraizada, na qual o comportamento, os valores e os desejos heterossexuais e cisgêneros são tomados como verdades únicas, e forçosamente impostas no processo de sociabilidade e humanização dos corpos. Desta forma, o comportamento e atitudes heterocisnormativos de terapeutas ocupacionais podem implicar em obstáculos significativos na busca por formação/treinamento no tema, bem como gerar desassistência a demandas importantes de sua clientela.

Sobre isso, Jones et al.⁸ dizem que “é possível que terapeutas ocupacionais masculinos e femininos possam diferir em seu grau de conforto para interações clínicas que têm implicações sexuais” (p. 96). Isso compreende dizer que determinadas práticas sociais, como o desempenho de uma profissão, estão mais diretamente relacionadas às atividades performadas pelos papéis de gênero na sociedade.

Os interesses e escolhas sobre a temática do sexo também podem se relacionar com a localidade (região) que terapeutas ocupacionais vivem e trabalham. Segundo Pedraza⁶ os aspectos territoriais de materialização da cultura irão determinar a abordagem do desempenho sexual por terapeutas ocupacionais. Ao se apoiar nas compreensões de Foucault sobre a sexualidade ao longo da história da humanidade, o desempenho sexual será discutido, interpretado e abordado dependendo do significado que cada cultura e sociedade atribuir a ele. Deste modo, a localidade e o seu contexto cultural são fatores importantes na produção dos interesses, na busca pela formação e, principalmente, na construção da percepção destes temas enquanto questões estruturantes da vida ocupacional. Sobre isso, destaca-se a importância de estudos futuros que aprofundem a relação sobre a inserção do tema nas práticas de terapeutas ocupacionais, a partir de métodos comparativos entre regiões do Brasil, a fim de verificar diferenças culturais, políticas e econômicas atreladas às compreensões e procedimentos técnicos e bases epistêmicas.

Compreensões sobre o sexo

O modo como as terapeutas ocupacionais desta pesquisa compreendem o desempenho sexual em sua prática profissional, à grosso modo, refere-se à um sistema de crenças e valores enquanto uma visão de mundo, e que, portanto, incrementa valores pessoais, familiares, religiosos, mas também relaciona-se como os técnico-científicos (epistêmicos). Estas compreensões estão mutuamente relacionadas, como enuncia uma das participantes da pesquisa.

Sim. Identifico tabus nos usuários (e, claro, em mim) por nossa tradição proibitiva e censuradora dos corpos, e isto é informado por nossas influências morais, políticas, religiosas, etc., e esses tabus nos impedem de falar ou intervir com mais naturalidade sobre o assunto. No caso dos sujeitos da minha intervenção, o adoecimento grave, a idade, as noções religiosas podem dificultar o desempenho saudável/autônomo das atividades sexuais (Participante 1 - heterossexual, contexto hospitalar).

Os valores pessoais sobre o desempenho sexual do cliente, e da própria profissional, também são identificados nesta pesquisa como fatores que dificultam com que 38,09% das terapeutas ocupacionais não abordem o tema. Esta compreensão é dada como um leque variado de crenças e valores como: *constrangimento do paciente em abordar a temática; público com deficiência e declínio cognitivo severo, faixa etária infantil; pacientes com muitos tabus e vergonha; compreensão de que este assunto é demanda da*

área de Psicologia; clientes serem muito idosos; questões de a sexualidade não aparecerem como demanda, entre outros, como descrito por uma das participantes.

Na verdade, acabo atuando a partir da demanda do paciente e só agora com essa pesquisa percebi que eu também não abordo o assunto (Participante 68 – heterossexual, Geriatria e Gerontologia Neurológica).

Os referenciais teórico-metodológicos compreendem também valores e perspectivas que determinam a compreensão sobre o sexo, e a abordagem - ou não - do desempenho sexual dos clientes em terapia ocupacional enquanto uma dimensão da ocupação. Para McGrath e Sakellariou² mais do que os tabus culturalmente reproduzidos na sociedade sobre o sexo e a sexualidade, a não compreensão destes como categorias essenciais do desempenho ocupacional de indivíduos e populações é a maior problemática identificada do porquê da maioria de terapeutas ocupacionais não abordarem o sexo em suas práticas.

Para os autores, o termo desempenho sexual ainda parece não fazer parte do repertório técnico e epistêmico de terapeutas ocupacionais. Isso pode estar relacionado, para além do debate já exposto sobre as compreensões sobre o sexo, à generalidade com que o termo desempenho é empregado em diferentes documentos, referenciais e modelos de prática. Por isso, pode ser recorrente que demandas relacionadas ao desempenho sexual não sejam identificadas por terapeutas ocupacionais, acarretando, por eles mesmos, o encaminhamento para outros profissionais. Ainda, a ausência de terminologia e conceituação precisa pode gerar a reprodução de valores divergentes do objeto profissional, dificultando a criação e implementação de instrumentos e procedimentos técnicos de intervenção.

Considerando estes aspectos, as participantes da pesquisa, identificam o desempenho sexual de quatro maneiras distintas, porém complementares: como “atividade”; “ato”; “função”; e “identidade”. O termo “ato” foi o mais enunciado, sendo citado 41 vezes por 34 participantes.

O desempenho sexual como um “ato” é oriundo da compreensão biológica do sexo, na qual geralmente é definido pela função fisiológica e sensorio-motora, podendo ou não envolver o prazer, como se observa em uma das falas das participantes:

Ato a fim de satisfazer impulsos sexuais, promover prazer e reprodução (Participante 17- heterossexual, Saúde Mental infanto-juvenil).

Essa compreensão parece servir às participantes para designar uma possível ideia de desempenho atrelada as habilidades para o desempenho sexual.

Já com uma frequência de 40 enunciados, por 29 participantes, o sexo como atividade aparece relacionado a um componente das Atividades de Vida Diária (AVD):

São atividades de vida diária que podem ou não fazer parte do cotidiano do indivíduo. (Participante 14- heterossexual, Saúde da Mulher).

As AVD são definidas pela Associação Americana de Terapia Ocupacional¹⁹ (p.19) como as:

“Atividades orientadas para o cuidado do indivíduo com seu próprio corpo (adaptado de Rogers & Holm, 1994). AVD também é chamada como atividade básica da vida diária (ABVD) e atividades pessoais da vida diária (APVD). Estas atividades são “fundamentais para viver no mundo social; elas permitem a sobrevivência básica e o bem-estar” (Christiansen & Hammecker, 2001, p.156).

Nesta definição, a AVD é um conjunto de atividades na qual as pessoas se envolvem em uma situação da vida - participação. Por isso, faz parte de uma dimensão classificada como área ocupacional. Neste sentido, segundo a AOTA¹⁹ o desempenho sexual é uma “atividade sexual” relacionada ao “Envolver-se em atividades que proporcionam satisfação sexual e/ou satisfazer as necessidades relacionais ou reprodutivas” (p.20)

A atribuição do desempenho sexual como uma função está diretamente relacionada, para as terapeutas ocupacionais, como “saúde sexual”, a partir de uma dimensão fisiológica, especialmente dadas as questões de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e saúde reprodutiva.

No estudo de Gontijo et al.²⁰ aponta-se que a promoção da saúde sexual e reprodutiva é uma ação relevante para terapeutas ocupacionais, a partir de uma perspectiva participativa, em que utiliza-se do lúdico, como jogos, para abordar a temática, gerando ali uma maneira mais participativa do público, como os jovens, com o conteúdo e as discussões, facilitando o aprendizado, na qual, segundo as autoras, “o ambiente lúdico favorece uma discussão “mais leve” sobre esse tema, muitas vezes considerado um tabu em nossa sociedade” (p. 26).

Já a atribuição “identidade”, compreende uma série de enunciados para designar valores sobre o desempenho sexual como práticas cotidianas, relação afetiva e social, envolvimento na vida, subjetividade e formação do sujeito, que parecem tratar de dimensões mais complexas, como descrita por uma das participantes.

Acredito que são práticas que desenvolvemos individual ou coletivamente a princípio motivadas pela busca de prazer a partir de dialogar com o próprio corpo e/ou com outro(s). Ainda

há que se considerar que a prática sexual possui dimensões psíquicas, culturais e sociais, podendo ser prazerosas ou violentas (Participante 28 - bissexual, Saúde Mental).

Nesta fala, é dada atenção para a relação entre prazer e violência na qual o desempenho sexual pode estar situado. Trata-se de uma relação importante, mas que foi mencionado apenas uma vez. Assim como, a compreensão para além de uma relação entre duas pessoas, majoritariamente heterossexual, envolvendo também o sexo grupal/coletivo, como experiências possíveis.

O processo da prática profissional

Esta unidade compreende como o desempenho sexual é abordado nos procedimentos em terapia ocupacional. Para tanto, buscou-se identificar, a partir das narrativas sobre o processo terapêutico-ocupacional, as teorias, os modelos, abordagens, técnicas e recursos que determinam a intervenção propriamente dita, como apresentados na tabela 4.

De acordo com os dados da pesquisa, na área de saúde mental o desempenho sexual é abordado como um tema que

se refere ao controle, ou empoderamento, da vida sexual. Já na área de reabilitação ‘física’ se dá a ressignificação e o desempenho a partir da construção de adaptações e descobertas do funcionamento do corpo. Em ambas as áreas se observa a importância da construção de novos papéis ocupacionais, através do envolvimento, adaptação e desenvolvimento de habilidades para o desempenho sexual e das relações afetivas.

Na pesquisa com terapeutas ocupacionais da Irlanda, realizada por Hyland e Mc Grath¹², a maioria das pessoas entrevistadas não abordava o desempenho sexual, bem como a sexualidade, nas terapias de grupo ou individuais. Os dados desta pesquisa não corroboram com este achado, visto que a maioria das terapeutas ocupacionais abordam sim, com seus clientes, temas relativos ao desempenho sexual, em atendimento individual ou em grupo, realizando avaliação formal ou acolhimento. Nota-se que, mesmo considerando a pouquíssima literatura, formação e treinamento para lidar com as questões que surgem no contexto da prática, é possível afirmar, ao menos no contexto brasileiro, que existe repertório técnico para intervir nas questões do desempenho sexual.

Tabela 4 – Componentes que estruturam o processo da intervenção do desempenho sexual em terapia ocupacional segundo as participantes da pesquisa.

Componentes	Interdisciplinares	Específicos da Terapia Ocupacional
Teorias e Modelos de Prática	Teoria Queer	Terapia Ocupacional Social
Abordagens	Oficina de saúde Oficina sobre direitos reprodutivos Oficina de Educação Sexual Grupo de Acolhimento Grupo de Família Grupo de Mulheres Grupo Terapêutico Grupo de Educação em Saúde Grupo de Orientação Sexual Reunião Reunião de Família Metodologia Ativa Atendimento individual Atendimento externo Conversa informal Escuta Qualificada Abordagem Multiprofissional Encaminhamento para outras áreas profissionais	--

Continua

Tabela 4 – Continuação.

Componentes	Interdisciplinares	Específicos da Terapia Ocupacional
Teorias e Modelos de Prática	Teoria Queer	Terapia Ocupacional Social
Técnicas	Avaliações Roteiro Entrevista individual Roda de conversa Instrumento padronizado Questionário Anamnese DASH Conservação de energia Controle da incontinência urinária e fecal Controle da musculatura genital Posicionamento e postura <i>Self Healing</i> Orientação Aconselhamento Dinâmicas Lúdicas Busca do sexo profissional	
Recursos	Cartilhas informativas sobre posicionamentos Cartilhas informativas sobre ISTs Livros Filmes Insumos contraceptivos Instrumentos de exame ginecológico Colagem Pintura em Mandala	

Contudo, destaca-se o uso majoritário de abordagens e técnicas interdisciplinares pelas terapeutas ocupacionais para intervir em demandas do desempenho sexual. Há uma expressiva fragilidade sobre os aspectos teórico-metodológicos baseados no objeto profissional específicos da terapia ocupacional. Já o debate sobre os recursos, há pouco respaldo na literatura para inferir sobre o que seria um recurso específico da terapia ocupacional. De todo modo, podem ser compreendidos como um conjunto de meios, materiais, imateriais, inanimados e humanos, para operar a prática.

Do mesmo modo, a respeito das teorias e/ou modelos de prática, apenas foi mencionado o referencial de Terapia Ocupacional Social, específico da área, e a Teoria Queer, sobre dissidências de gêneros e sexualidades, como um referencial interdisciplinar. De maneira geral, a Terapia Ocupacional Social focaliza as questões sociais na vida cotidiana de sujeitos que vivenciam processos de desfiliação, vulnerabilidades e injustiças sociais em suas redes sociais de suporte. Este referencial oferece estruturas teórico-metodológicas para o processo de busca pelos direitos sociais e

a construção da cidadania²¹. No entanto, o desempenho sexual não é um tema recorrente deste referencial, destacando-se mais outras vivências da sexualidade e identidades de gênero no contexto das injustiças sociais.

A avaliação e a entrevista inicial são identificadas como procedimentos fundamentais e balizadoras para a intervenção do desempenho sexual, como demonstra a fala de uma das participantes:

[...] quando pertinente no encontro terapêutico. Elas primeiro aparecem na avaliação, geralmente após a criação de algum vínculo com o usuário, e a partir de então procuro entender a demanda, e como posso intervir no tempo que tenho disponível (que é curto, no contexto de internação hospitalar). (Participante 1 – heterossexual, Contexto Hospitalar).

As avaliações e as entrevistas parecem orientar o processo terapêutico-ocupacional para abordagens individuais, considerando aspectos específicos que podem

ser elegidos entre cliente e terapeuta ocupacional para atender de maneira mais eficaz os objetivos da assistência terapêutico-ocupacional. Isso parece implicar também o tempo em que o processo será planejado, considerando as questões institucionais e as características e dinâmicas da própria área de atuação. Como é verificado nas falas das participantes:

(...) é complicado, porque no meu trabalho as enfermarias têm quartos compartilhados entre 5 usuários e seus acompanhantes, o que dificulta ter conversas de cunho mais íntimo. Também é possível que nos adoecimentos agudos e/ou graves, sexo simplesmente não seja a prioridade, e sim possibilitar conforto respiratório e físico ao usuário, por isso não abordo o sexo nesse momento. (Participante 1 – heterossexual, Contexto Hospitalar).

Aparecem na avaliação dos pacientes jovens. No roteiro, pergunto se eles se envolvem em alguma atividade sexual satisfatória. Quando possuem dificuldade de comunicação ou de compreensão da informação, pergunto ao cuidador (familiar). Explico o que é e se já observaram algo. Também no item orientação sexual, onde pergunto se existe algum interesse, seja em mulheres ou homens (Participante 8 – heterossexual, Neuropsicologia).

Além do direcionamento das abordagens individuais, observa-se também as grupais, e o uso da técnica de rodas de conversa, que permite a flexibilidade das estratégias para se abordar diversos assuntos concomitante ao sexo e a sexualidade:

[...] Nas rodas de discussão com a molecada a questão das práticas sexuais e sexualidades aparecem com importante frequência. O que nos leva a abordar a temática de forma constante (Participante 29 – homossexual, Docência e Saúde Mental infanto-juvenil).

O uso de técnicas e recursos também é identificado nos procedimentos de terapeutas ocupacionais como estratégias para intervir no desempenho sexual:

[...] Posso intervir com orientações de conservação de energia durante o ato sexual, ou com cartilhas informativas, ou mesmo com informações sobre ISTs, quando esta é a necessidade (Participante 1 – heterossexual, Contexto Hospitalar).

De acordo com os dados mais amplos da pesquisa, jogos lúdicos, filmes, diários, peças de reprodução do corpo

humano, desenhos em papel, entre outros, são os recursos mais utilizados para abordar o desempenho sexual com diversos tipos de clientes, sejam eles adultos ou jovens. No entanto, não foi verificado, com exceção da técnica de conservação de energia, métodos e técnicas específicas, seja em terapia ocupacional ou interdisciplinares.

Outro fator importante, e que merece futura discussão é a lacuna de compreensão sobre quadros de referência e modelos específicos de prática em terapia ocupacional. Isso pode ser um dos fatores que dificultam a compreensão da experiência do desempenho sexual como um dos objetivos da assistência.

De forma geral, o desempenho sexual enquanto uma ocupação em atividades da vida cotidiana³, na qual pessoas e coletivos, em diversas fases da vida, se envolvem para participar socialmente, produzir prazer, afeto, reproduzir-se, descobrir-se, violentar a si e a outros, é fruto da inter-relação da pessoa com o seu ambiente de maneira singular, pois é decorrente da cultura e da conformação social e histórica em que está situado. Na atualidade, paradigmas vêm sendo reconstruídos sobre categorias como sexo biológico, gênero, orientação sexual, racialidades, localidade, que são, de forma geral, aspectos que influenciam e determinam o envolvimento ocupacional no sexo²⁰. Neste sentido, o desempenho sexual se “expressa através de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações interpessoais, mas nem todas experimentadas e expressas em todos os momentos¹⁵” (p.10).

Nem sempre o desempenho sexual estará circunscrito à “problema” para a clientela em terapia ocupacional, sobretudo pela lógica da funcionalidade. Ao contrário, o sexo pode e deve ser tratado no sentido da promoção, do direito e do bem-estar. Assim, as unidades de conteúdo que enunciam que a não abordagem do sexo é decorrente de “*não ser uma demanda do cliente*”, pode deflagrar fragilidades na triangulação do raciocínio profissional, ou seja, a inclusão de elementos teóricos e técnicos baseados na formação e treinamentos, na mudança do sistema de valores e crenças que repercutem na compreensão do sexo, e na inclusão de instrumentos, ferramentas, técnicas e abordagens específicas, como também as gerais.

CONCLUSÃO

Mesmo reconhecendo as limitações do estudo, em especial sobre o alcance do questionário de pesquisa à um quantitativo não representativo do universo de terapeutas ocupacionais em nível nacional, ainda sim, trata-se de uma amostra que relaciona dados primários que podem contribuir

com o alargamento do assunto e o seu aprofundamento em pesquisas futuras.

Desta forma, constatou-se que a maioria das terapeutas ocupacionais brasileiras inseridas nesta pesquisa, abordam o desempenho sexual em suas práticas profissionais, majoritariamente no campo da saúde mental e com a população adulta. Mesmo considerando se tratar de um perfil hegemônico, trata-se da maioria composta por jovens mulheres que acompanha um crescimento significativo da inserção de conteúdos referentes a sexualidade, sexo e gênero nos currículos de graduação e em pesquisas em terapia ocupacional. No entanto, estas questões ainda não são expressivas e/ou instituídas na qualificação das mesmas, uma vez que a pesquisa identificou baixos níveis de capacitação e treinamento no tema. Por outro lado, as terapeutas ocupacionais abordam o tema dado a sua importância para a estruturação das ocupações e participação na vida, dentro de uma concepção mais integral do ser humano e, provavelmente, em alguns casos, o interesse gerado pela própria experiência com a sua sexualidade e identidade de gênero.

Neste sentido, conclui-se que fatores relacionados a formação acadêmica e o interesse pelo desempenho sexual, o sistema de crenças e valores pessoal e teórico, e a compreensão destes nos processos da prática profissional determinam a sua abordagem ou não por terapeutas ocupacionais no Brasil. A não abordagem do desempenho sexual pode se dar, neste sentido,

pela ausência, ou fragilidade, na triangulação destes fatores, resultando em negligência profissional frente às demandas de seus clientes, acarretando consequências negativas à saúde, à qualidade de vida e aos direitos humanos e sociais.

De todo modo, terapeutas ocupacionais, segundo os achados desta pesquisa, utilizam diversas estratégias como cartilhas, jogos, conversas informais, avaliações para abordar e possibilitar a participação de seus clientes no desempenho sexual. No entanto, observa-se uma prática genérica, organizada em procedimentos interdisciplinares, o que denuncia a fragilidade técnico-epistêmica da área sobre o assunto. Estudos futuros podem se dedicar à sistematização e o aprofundamento dos elementos que constituem o processo terapêutico-ocupacional, como por exemplo, modelos, referenciais teóricos, abordagens, técnicas e recursos para lidar com as questões do desempenho sexual.

Por fim, o que se compreende como demanda disciplinar para a terapia ocupacional é aquilo que é possível de ser lido no campo epistêmico de seu objeto. Assim, quando os sujeitos vivenciam situações cotidianas de impossibilidade de se envolver em atividades para o desempenho sexual, emerge a função nuclear da terapia ocupacional de facilitar os processos de participação, ajudando os seus clientes a desenvolverem habilidades, autonomia e interdependência para que as suas capacidades para desempenhar, se engajar e se incluir e ser incluído na vida humana e social se tornem possíveis.

Contribuição dos Autores: Ricardo Lopes Correia- foi coordenador da pesquisa, análise dos dados, escrita e revisão do texto, Pablo Oliveira Teixeira - foi responsável pela coleta e análise dos dados, e redação do texto.

REFERÊNCIAS

1. McGrath M, Lynch E. Occupational therapists' perspectives on addressing sexual concerns of older adults in the context of rehabilitation. *Disabil Rehabil.* 2014;26;36(8):651-7. DOI :10.3109/09638288.2013.805823
2. Mc Grath M, Sakellariou D. Why has so little progress been made in the practice of occupational therapy in relation to sexuality? *Am J Occup Ther.* 2016;70(1):7001360010p1-5. DOI: 10.5014/ajot.2016.017707
3. Correia RL, Rebellato C, Takeiti BA, Carvalho CRA. Género, sexualidad y envejecimiento en la Terapia Ocupacional. *Rev Chilena Ter Ocup.* 2019;19(1):109-24.
4. Pinilla Cerezo M. Terapia ocupacional y sexo: ¿contradicción o contraindicación? / Sex and occupational therapy: contradictions or contraindications? *Tog (A Coruña).* 2020;17(1):71-6. DOI: S1885-527X2020000100011
5. Monzeli G, Lopes RE. Terapia ocupacional e sexualidade: uma revisão nos periódicos nacionais e internacionais da área. *Rev Ter Ocup Univ São Paulo.* 2012;23(3). Doi: 10.11606/issn.2238-6149.v23i3p237-244
6. Pedraza T. Vejez y sexualidad : reflexiones para la práctica de terapia ocupacional. *Rev Chilena Ter Ocup.* 2014;14(2):24555. Available from: <https://revistas.uchile.cl/index.php/RTO/article/view/35726/37514>
7. Rose N, Hughes C. Addressing sex in occupational therapy: a coconstructed autoethnography. *Am J Occup Ther.* 2018;72(3):7203205070p1-6. doi: 10.5014/ajot.2018.026005
8. Jones MK, Weerakoon P, Pynor RA. Survey of occupational therapy students' attitudes towards sexual issues in clinical practice. *Occup Ther Int.* 2005;12(2):95-106. DOI:10.1002/oti.18

9. Jackson J. Sexual orientation: its relevance to occupational science and the practice of occupational therapy. *Am J Occup Ther.* 1995;49(7):669-79. DOI: 10.5014/ajot.49.7.669
10. McAlonan S. Improving sexual rehabilitation services: the patient's perspective. *Am J Occup Ther.* 1996;50(10):826-34. DOI: 10.5014/ajot.49.7.669
11. Helland Y, Garratt A, Kjekken I, Kvien T, Dagfinrud H. Current practice and barriers to the management of sexual issues in rheumatology: results of a survey of health professionals. *Scand J Rheumatol.* 2013;42(1):20-6. DOI: 10.3109/03009742.2012.709274
12. Hyland A, Mc Grath M. Sexuality and occupational therapy in Ireland: a case of ambivalence? *Disabil Rehabil.* 2013;35(1):73-80. DOI:10.3109/09638288.2012.688920
13. Neistadt ME. Sexuality counseling for adults with disabilities: a module for an occupational therapy curriculum. *Am J Occup Ther.* 1986 Aug 1;40(8):542-5. Doi: 10.5014/ajot.40.8.542
14. Sakellariou D, Sawada Y. Sexuality after spinal cord injury: the Greek male's perspective. *Am J Occup Ther.* 2006;60(3):311-9. DOI: 10.5014/ajot.60.3.311
15. Mella J. Ensayo sobre la importancia de la educación sexual en personas con déficit intelectual: reflexiones desde la terapia ocupacional. *Rev Chilena Ter Ocup.* 2012;12(2). 10.5354/0719-5346.2012.25311
16. Marchant Castillo JI. Posibles abordajes de terapia ocupacional en la educación sexual de niños, adolescentes y jóvenes lesbianas, gay, bisexuales y transgéneros. *Rev Chilena Ter Ocup.* 2019;19(2):63-71. Doi:10.5354/0719-5346.2019.53411
17. Bardin Lawrence. *Análise de conteúdo.* 3º. Vol. 1. São Paulo: Edições 70; 2016. 1-279 p.
18. Correia RL, Ribeiro IN, Oliveira RSP, Leal FA, Figueiredo RS. Questões de gênero na formação graduada em Terapia Ocupacional no Brasil. *RevSALUS - Rev Cient Int.* 2022;4(1). Doi:10.51126/revsalus.v4i1.186
19. American Occupational Therapy Association A. *Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo* 3 ed. Trad. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2015;26:1-49. Doi:10.11606/issn.2238-6149.v26iespp1-49
20. Gontijo DT, Vasconcelos ACS, Monteiro RJS, Facundes VLD,. Occupational Therapy and sexual and reproductive health promotion in adolescence: a case study. *Occup Ther Int.* 2016 Mar;23(1):19-28. DOI:10.1002/oti.1399
21. Melo KMM. *Terapia Ocupacional Social, pessoas trans e Teoria Queer: (re)pensando concepções normativas baseadas no gênero e na sexualidade.* Cad Ter Ocup UFSCar São Carlos. 2016;24(1):215-23. Doi:10.4322/0104-4931.ctoARF0645

Recebido em: 02.03.2023

Aceito em: 24.07.2023

